

CATHARINA MAURA

VOTOS
ETERNOS

Tradução de
Maria Gabriela Ferreira

alma
dos
livros

*Este livro é para aqueles que deixam que a lealdade os cegue
– que a deixam privarem-nos do que lhes alimenta a alma.
A única pessoa que te pode dar permissão para seres feliz és tu.*

Diz «sim».

Arrisca.

Segue o teu coração.

Mereces a felicidade que tão ardentemente desejas para os outros.

Nota da autora

Votos Eternos aborda temas a que alguns leitores poderão ser sensíveis. Uma vez que enumerá-los pode revelar demasiado sobre a história, a lista encontra-se no fim do livro.

Se já leste algum livro meu e não precisas de os ver, fico muito honrada que confies em mim mais uma vez e recomendo que avances sem saber nada sobre a história.

PRIMEIRA PARTE

O Passado

Um

CELESTE

Não há muitas pessoas por quem tenha um *ódio* de morte – na verdade, essa lista contém apenas um nome: *Zane Windsor*. Só de pensar nele, sinto uma inquietação no estômago e as minhas veias enchem-se de um terror que me petrifica. O Zane Windsor é a desgraça da minha existência, a pessoa a quem rogo pragas até a dormir. Sempre foi. É o rosto dele que me aparece em primeiro plano quando penso nas piores partes da minha infância. Saber que o vou ter de ver dentro de apenas algumas horas está a deixar-me numa ansiedade tal que nem a consigo descrever.

– Celeste?

Levanto a cabeça e vejo a minha melhor amiga, a Lily, a olhar-me com clara preocupação nos seus olhos azuis. Põe-me uma madeixa encaracolada atrás da orelha, encarando-me com uma expressão de empatia.

– Vai correr tudo bem – assegura-me. – É só uma gala de solidariedade e vai ser muito útil para estabeleceres novos contactos. Foca-te nisso, sim?

Olho para as minhas unhas pintadas de amarelo brilhante, incapaz de acalmar esta irritante sensação de desgraça iminente.

– É a gala anual dos *Windsors* – murmuro com a voz embargada. – É sinistro que o primeiro evento a que vou desde que voltei seja organizado pela família do Zane.

Pensei que cinco anos fora, na faculdade, me tivessem dado a confiança de que tanto precisava, mas evaporou-se toda assim que entrei novamente na casa onde cresci.

Voltar para casa foi como dar dez passos atrás, como se a rapariga que fui estivesse agarrada a mim com unhas e dentes, ansiosa por sair da caixa

onde a enfiei. Receio que estar próxima do Zane outra vez me volte a transformar na minha versão que desprezo, e da qual me envergonho.

– Celeste, és a mulher mais forte e mais inteligente que já conheci. Gostava que te visses como eu te vejo, talvez assim percebesse como é parvo que um homem como o Zane te afete tanto. Ele não merece sequer que penses nele.

Anuo, cheia de vontade de acreditar nela, de me libertar do passado que me aprisiona. Ela tem razão, claro. O Zane não devia ter este poder sobre mim. Já o devia ter ultrapassado.

– Cheguei a dizer-te que o meu avô me instruiu para analisar cada centímetro do hotel dos Windsors onde vão organizar a gala? – pergunto, tentando mudar de assunto. Falar do Zane só me faz lembrar as coisas que tento esquecer, os segredos que não contei à Lily. – Sabes o que me disse?

Ela abana a cabeça com um olhar indagador enquanto espalha o *blush* que me aplicou nas maçãs do rosto.

– «As críticas ao hotel deles têm sido incríveis, mas não são a melhor forma de reunirmos mais informação. Convidaram-nos, não foi? Seria má educação não aproveitar ao máximo as instalações do hotel.» – repito, imitando o meu avô. – Achas normal?

A Lily ri-se, incrédula, e não resisto a sorrir também. Ajuda-me a aliviar a dor provocada pelas palavras que se seguiram e que não repetirei à Lily.

«Só espero que a tua educação te tenha ajudado a tornar mais inteligente porque estou farto de ver a minha neta a ficar sempre atrás daquele rapazinho Windsor. Já não estás na escola, Celeste. Os riscos são maiores agora, e não há margem para erros. No mínimo, tens de conseguir elevar os nossos hotéis ao nível dos hotéis dos Windsors.»

Às vezes, questiono-me se as comparações infundáveis do meu avô me magoariam menos se ele não achasse sempre que fico aquém. Teria o meu ódio pelo Zane evoluído para o que é se as expectativas do meu avô não o tivessem alimentado?

Dizer que eu e o Zane éramos rivais enquanto crescíamos é dizer pouco. Talvez tenha sido assim que começou, no infantário – uma mera rivalidade infantil, uma consequência natural da disputa entre as nossas famílias. Mas, ao longo dos anos, transformou-se em pura hostilidade e num ódio tão profundo que me levou a procurar uma fuga, um alívio. Um escape que chegou agora ao fim.

– Sinceramente, o teu avô às vezes é ridículo – diz a Lily, com um rasgo de preocupação na voz. É como se, por vezes, conseguisse ver a dor que escondo, mesmo quando me esforço para que não lhe seja visível. – Mas escolheu-te como herdeira, deixemos que as suas ações falem mais alto do que as suas palavras. Não o teria feito se não acreditasse em ti.

Suprimo o impulso de morder o lábio nervosamente e limito-me a acenar com a cabeça. A Lily sabe tão bem como eu que o meu avô só me escolheu como herdeira porque o meu irmão, Archer, se recusou a fazer-lhe a vontade. Se o Archer não tivesse saído de casa, recusando-se a viver debaixo do mesmo teto que o nosso avô, nunca me teria sido dada qualquer responsabilidade.

A Lily observa atentamente o vestido de noite preto que estou a usar e verifica mais uma vez a minha maquilhagem, assegurando-se de que tudo está perfeito antes de anuir, satisfeita.

– Esta gala vai cimentar a tua nova posição na empresa do teu avô e é só nisso que tens de estar focada esta noite. Vais divertir-te tanto a conversar com as pessoas que nem vais perceber que o Zane lá está. Não disseste que costumam estar centenas de pessoas nestas galas?

Aceno em concordância, com alguma hesitação, odiando ao mesmo tempo como o Zane me faz comportar como se eu fosse outra pessoa. Já não sou uma menina tímida, mas é nisso que me torno assim que penso nele.

– Então, não será difícil simplesmente evitar o Zane, *por enquanto*. Pessoalmente, acho que é preferível encará-lo desde já e estabelecer novas regras. Ele era o teu maior rival quando éramos miúdos, mas isso não é nada comparado com a ameaça que a Windsor Hotels representa para a Harrison Developments neste momento. Não há como o evitar totalmente e, gostes ou não, as vossas empresas vão estar constantemente a competir uma com a outra.

– Eu sei – murmuro, num suspiro. – Não o posso evitar, mas não sei se estou preparada. Lil, estamos a falar da mesma pessoa que me roubou o teste de matemática em que tive negativa para o emoldurar ao lado do seu com 100% e enviou fotografias dos dois a *toda* a escola. Provocou-me *todos os dias* durante os *dois anos* em que usei aparelho nos dentes e sempre aproveitou todas as oportunidades para me humilhar e rebaixar, desde os três anos. E agora é suposto dar-me bem com ele? É suposto ser cordial e agradecer-lhe por me convidar, fingir que a forma como me maltratou durante anos não deixou marcas?

A pena nos olhos da Lily só me faz sentir mais patética e não consigo evitar desviar o olhar.

– Celeste – murmura num tom indulgente –, tu, minha querida, és pura magia. A forma como tudo o que imaginas ganha forma é mágica, por isso, faz lá essas coisas da visualização de que gostas tanto e imagina o caminho que te espera, um caminho sem obstáculos, um em que és o tipo de mulher com quem o Zane Windsor não ousaria meter-se. Porque é isso que tu és, sabias? Tu és essa mulher, mesmo que algumas inseguranças antigas te estejam a toldar o juízo. Não és tu que me dizes sempre que posso controlar os meus pensamentos e que não são *eles* que *me* controlam? Porque é que não segues o teu próprio conselho esta noite?

Pestanejo, surpresa por ouvir o meu mantra a ser-me dirigido a mim. Nem sequer posso refutar as palavras dela, e a verdade é que me libertam imediatamente dos meus pensamentos destrutivos. É quase como se um véu pesado tivesse sido levantado e a minha visão fosse agora nítida. É estranho como a insegurança e o medo me deitam tão abaixo.

– Tens razão – respondo, o meu coração batendo acelerado enquanto fecho os olhos. Durante anos, imaginei um mundo em que finalmente deixava o meu avô orgulhoso de mim, em que era líder de mercado e responsável pelos melhores projetos de desenvolvimento hoteleiro do mundo. Porque é que deixei fugir essa visão, mesmo que só por um momento?

– Eu tenho sempre razão – diz a Lily a rir-se. – Esta noite, quando sentires dúvidas, lembra-te das minhas palavras. És pura magia, Celeste. Não deixes que ninguém te diga o contrário, muito menos alguém como o Zane.

Sorriso-lhe, sentindo o corpo relaxar à medida que a minha confiança regressa. Gostava de a ter comigo esta noite – preferia muito mais ir com ela a ir com o meu avô.

– Vamos, vai correr tudo bem – digo com voz firme. – Vou entrar naquele salão como se fosse a dona de tudo.

Os olhos da Lily brilham de orgulho, e ajeita-me carinhosamente o cabelo.

– Isso mesmo – afirma. – Vai e arrasa. Encanta-os a todos, rouba a quota de mercado do Zane. Se há alguém que o consegue fazer, és tu.

Sorriso ao ver-me ao espelho, plena de confiança renovada.

– Eu consigo – murmuro, mais para mim do que para a Lily, mas ela anui mesmo assim.

– Consegues, *vais* conseguir!

Contemplo a maquilhagem perfeita e a expressão composta. Já não sou a miúda introvertida que uma vez fui. A mulher que me olha no espelho não é a que se foi embora há cinco anos, e o Zane Windsor vai descobrir isso da pior forma possível.

Dois

ZANE

— **E**spero angariar no mínimo um milhão em donativos esta noite. Como estamos até agora, Valentina? — pergunta o Luca, um dos meus irmãos, à sua assistente.

Ela confere uns cálculos que fez e eu anuo, distraído, pondo um dos meus rebuçados de menta preferidos na boca, incapaz de me concentrar na conversa. Estas galas anuais são trabalhosas e, por norma, gosto de ver os resultados de todo o esforço de mim e dos meus cinco irmãos.

Hoje, nem por isso.

— *Zane?* — diz a Val, num tom ríspido. Viro-me para a encarar, consumido pela culpa quando percebo que me está a chamar há já algum tempo. Observa-me por um instante, os cantos dos seus lábios vermelhos esboçando um sorriso. — Porque é que não paras de olhar para a entrada? Estás à espera de quem?

Entreabro os lábios para refutar a sua acusação, mas as desculpas evaporam-se-me na língua. A Val conhece-me demasiado bem — rapidamente se tornou tão minha amiga como a minha própria irmã. Não consigo olhá-la nos olhos e mentir-lhe.

— Esqueci-me de te dizer — acabo por murmurar —, mas vou leiloar uma estada no próximo hotel que comprar. Deixarei alguém ter o hotel todo à sua disposição durante uma semana, pouco antes da abertura, tudo incluído.

Ela semicerra os olhos, como que percebendo que o meu donativo inesperado é uma tentativa de a distrair, mas, felizmente, deixa morrer o assunto.

— Ótimo — diz, sorrindo-me de forma cúmplice. — Vou acrescentar ao catálogo. Tens algumas datas específicas em mente?

— Sim, terá de ser entre...

Foda-se.

Falta-me o ar, sinto-me zozzo ao olhar para a entrada, hipnotizado. Todos os pensamentos se esvaem até só restar ela — a minha *Celestial*.

Voltou.

Finalmente.

Observo-a com avidez, demorando o olhar nos belos olhos cor de âmbar, nos lábios carnudos e no longo cabelo escuro e encaracolado. Como raio é que ficou ainda mais bonita nos anos que esteve fora?

Os meus olhos percorrem o seu corpo com alguma impaciência – não consigo parar de olhar para ela, mas também ainda não consigo ser suficientemente contido para saborear a experiência. A forma como o vestido comprido e preto se cola ao seu corpo é pecaminosa, e desenvolvo um imediato amor/ódio em relação ao decote profundo que mostra as suas curvas na perfeição.

– *Celeste Harrison* – afirma a Val num tom jocoso. Olho para ela e forço-me a manter uma expressão neutra, mas o seu olhar diz-me que não consegui.

– Não a via há algum tempo – acrescenta o Luca, franzindo a testa. – Ela foi estudar para uma faculdade em Londres, não foi? Quanto tempo esteve fora? Três anos?

Cinco anos, dois meses e doze dias, para ser preciso.

– Sei lá. – murmuro.

O Luca ri-se quando passo uma mão pelo cabelo, denunciando a minha agitação.

– Pois – responde ele, a sorrir.

– Que está ela a fazer? – pergunta a Val.

Sigo o seu olhar e deparo com a Celeste discretamente a conferir a marca das nossas taças de cristal, o que me obriga a disfarçar um sorriso. As suas tentativas para ser discreta só a fazem parecer altamente suspeita e, como era esperado, vários dos nossos guarda-costas se aproximam dela. O avô dela, o diretor executivo da Harrison Developments e um dos nossos maiores concorrentes, nem sequer repara – está de costas para ela, demasiado ocupado a falar com conhecidos.

– C'um caraças – murmuro, sentindo ao mesmo tempo um arrepio de excitação espinha abaixo. É a desculpa perfeita para me aproximar dela sem criar mais suspeitas ao Luca e à Val.

– Está aqui há três minutos e já arranjou problemas. – Ouço o riso da Val enquanto me encaminho para a Celeste com o coração a bater tanto que quase me sai do peito.

Aceno aos guarda-costas e eles dispersam. Ao mesmo tempo, a Celeste nem repara na presença deles. Como é que continua tão alheia ao que a rodeia?

– Sabes, se querias bisbilhotar, podias simplesmente reservar uma suíte com o pretexto de não queres conduzir depois de beberes durante a gala. Sinceramente, bastava teres dito que não querias ir para casa porque há quartos excelentes aqui e eu acreditava. Por ser para ti, só te teria cobrado três vezes o preço normal.

A sua postura descontraída eclipsa-se, dando lugar ao frio ressentimento que me dedica em exclusivo.

– *Zane* – diz, a voz carregada de desdém.

Sorriso-lhe e, por um segundo, questiono-me como reagiria se soubesse que a forma como diz o meu nome me dá instantaneamente tesão. Há anos que é assim. Coraria de fúria? Aceleraria a sua respiração como acontece quando me responde à letra?

– *Celeste*. – Ela enviesa os lábios e eu esforço-me ao máximo para não sorrir enquanto lhe tiro a taça das mãos e a entrego a um dos empregados. – Não confio em ti. Estavas com ar de quem ia roubar a taça de champanhe.

– *Roubar?* – repete, a sua raiva crescente. É uma visão maravilhosa. – Achas que tenho ar de ladra?

– Não, *Celeste* – digo, o meu coração ainda acelerado. – Estás verdadeiramente *deslumbrante* hoje.

Ela arregala os olhos e percebo que a apanhei desprevenida. Sempre adorei como os seus olhos escurecem quando a irritado, mas acho que gosto ainda mais disto. A forma como os seus lábios se entreabrem, o seu desdém por mim momentaneamente ausente... sim, é deveras viciante.

– Que engraçado – acaba por responder, recuperando a sua expressão cautelosa. Por um momento, tenho a certeza de que vi um rasgo de desilusão no seu olhar, como se estivesse desiludida consigo mesma por ter acreditado em mim, mesmo que só brevemente.

Estendo-lhe a mão e ela olha-me confusa.

– Que foi? – pergunto, com um tom provocador. – Já não sabes dançar? Dançaste muito bem no baile de finalistas.

– Claro que sei dançar – exclama, corando de forma deliciosa. – Só não quero é dançar *contigo*.

Não resisto a sorrir-lhe. Ficou furiosa com a referência ao baile de finalistas? Será que essa memória lhe faz disparar o coração como me acontece a mim?

– A sério? Acho que vi o Tommy a vir na tua direção, mas não deves precisar da minha ajuda – minto. O Tommy, que desde sempre foi apaixonado por ela, não se pode aproximar de nenhum dos meus hotéis, mas ela não sabe.

– *O quê?* – diz, apressando-se a pôr a mão em cima da minha e olhando em volta.

Anuo solenemente enquanto nos encaminho para a pista de dança.

– Vou servir-te de escudo, mas ficas a dever-me uma.

Abraço-lhe a cintura e ela sobe as mãos pelo meu peito até as entrelaçar atrás do meu pescoço. É surreal como encaixamos tão bem e não resisto a puxá-la para mim mais do que o necessário.

Ergue uma sobrancelha e encara-me enquanto a guio vagarosamente na dança, o meu corpo roçando o dela a cada movimento. É um ritmo tranquilo, mas deixa-me a arder. Tenho-a a tão perto e, mesmo assim, não é o suficiente. Senti-la contra mim é inebriante e, raios, preciso de mais.

– Estás mesmo deslumbrante, Celeste – murmuro, as palavras saindo-me da boca antes de pensar.

Esubgalha os olhos e depois resmungo com desdém.

– Apesar de a maioria das mulheres na tua vida apreciarem as tuas mentirinhas e tentativas de ser charmoso, eu *não*. Esqueceste que vi o desfile interminável de namoradas que tiveste na escola. Sei exatamente qual é o teu ideal de beleza, e tenho a certeza de que não sou eu. Para de te meteres comigo.

Enquanto mantenho uma palma da mão na sua lombar, subo lentamente a outra pelas costas até a aninhar no seu cabelo comprido.

– Namoradas, hum? – repito, revelando alguma raiva na voz. – E eu que pensava que me conhecias melhor do que ninguém, Celeste. Nunca reclamei nenhuma como minha.

A sua expressão de surpresa aquece-me o coração e sorrio quando se desequilibra ligeiramente, aproveitando a oportunidade para a chegar ainda mais para mim.

– Continuas tão desastrada como bonita – sussurro.

Olha-me nos olhos, entreabrindo ligeiramente os lábios quando lhe aperto o cabelo com mais força, incapaz de disfarçar o meu desejo. Estou perdido no seu olhar, sentindo-me vulnerável como nunca antes. Durante as nossas vidas, sempre escondi o que sinto por ela, mas os anos em que estive fora, longe de mim, derrubaram as minhas defesas.

Desce uma mão para o meu peito e olho para as unhas pintadas de amarelo.

– Como se chama? – pergunto sem pensar, revelando involuntariamente a minha obsessão por ela.

Ela pestaneja, confusa.

– Desculpa, não estou a perceber – responde, soando ofegante.

Sorriso e fecho a mão, agarrando-lhe ainda mais o cabelo.

– O verniz. Que estás a usar esta noite, Celeste?

Os seus lindos olhos brilham de pura incredulidade, e juro que sinto o pénis latejar só com a forma como me olha.

– C-como é que sabes?

Sorriso enquanto desço a mão na sua lombar ligeiramente e a puxo para mim para que sinta o efeito que provoca. Os meus lábios roçam-se na sua orelha quando me inclino.

– Há anos que te presto atenção, Celeste. Como é que poderia não saber?

– O olhar dela é caloroso quando a volto a encarar e as suas faces estão coradas. Nunca me pareceu tão bonita. – Diz-me. Como se chama o teu verniz?

A Celeste morde o lábio por um momento e depois sorri.

– Um Copo e uma Cabana.¹

Desato-me a rir, atraindo olhares curiosos de quem nos rodeia, e ela sorri.

– Ai sim? É só disso que precisas? Eu, um copo e uma cabana?

– Continuas tão egocêntrico como sempre – diz, mas desta vez sem qualquer malícia na voz. – O meu mundo não gira à tua volta, Zane.

– Foi por isso que te encontrei a tentar roubar uma das minhas taças de champagne? Não estás nada interessada na forma como giro este hotel, pois não?

Ela lança-me um olhar e empurra-me o peito em jeito de aviso.

– Eu *não* estava a tentar roubar *nada*!

– Deixo-te ir se admitires uma coisa. Admite que tiveste saudades minhas.

A Celeste revira os olhos e começa a massajar suavemente a sua nuca, precisando de a tocar tão intimamente quanto possível.

– Ao contrário de ti, não tenho o hábito de mentir e seria isso que estaria a fazer se dissesse que tive saudades tuas, Zane. – Encara-me e eu sorrio, apesar do seu tom mordaz. Adoro como me está a dar a sua total atenção. – Estar longe de ti foi o melhor do meu tempo em Londres. Não ter de ver a tua cara de convencido deixou-me mais feliz do que imaginas.

– É pena – murmuro, incapaz de deixar de olhar para ela. – Porque eu tive saudades tuas, minha linda Celestial. Tive saudades da forma como resmungas dissimuladamente quando te irrita, da forma como os teus olhos brilham quando te ultrapasso, da forma como me desafia a ser melhor.

– É isso que isto é? – pergunta, a voz vacilante, revelando a sua vulnerabilidade. – Mais um joguinho, Zane? Mais uma competição?

¹Jogo de palavras com «Copacabana». No original, «*I Just Can't Cope Acabana*». [N. da T.]

A forma como me olha nos olhos sem vestígio da timidez que sempre lhe escondeu a alma é maravilhosa.

– Talvez seja.

– Este nunca irás ganhar.

– Ainda nem sabes que jogo estamos a jogar – contraponho.

Encolhe os ombros e rebola as ancas subtilmente, fazendo-me suspirar.

– Tenho uma boa ideia, Zane. Não me vais levar para a cama, nunca te vou querer.

Sorriso, o meu coração descompassado.

– Não foi isso que disseste quando te vieste nos meus dedos no baile de finalistas, minha doce deusa.

– Isso foi um *erro* – exclama, afastando-se de mim, os olhos repletos de vergonha e raiva. – Um erro que não vou repetir, Zane. Nem nos meus piores pesadelos.

Magoa-me saber que se arrepende da noite que significa tudo para mim. Ainda assim, sorrio, de uma forma que lhe é expectável.

– Vou lembrar-me dessas palavras com carinho da próxima vez que estiver dentro de ti, Celeste. Quanto te tiver à beira de ter um orgasmo, a dizeres o meu nome, vou fazer-te engolir essas palavras antes de me implorares por mais. E vais fazê-lo. Vais *implorar*, como imploraste naquela noite.

Olha para mim, e o ódio que lhe leio no olhar... está entrelaçado com puro e genuíno desejo. Tem razão quando diz que estamos a jogar um jogo, como sempre estivemos. O que a minha linda Celeste ainda não percebeu é que desta vez, estou a jogar para ganhar.